

Cadernos Teologia Pública

O grito de Jesus na cruz e o silêncio de Deus.

Reflexões teológicas a partir de Marcos 15,33-39

Francine Bigaouette, Alexander Nava e Carlos Arthur Dreher

ISSN 1807-0590 • ano XI • número 89 • volume 11 • 2014

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



JESUITAS

UNISINOS
Somos Infinitas possibilidades

O grito de Jesus na cruz e o silêncio de Deus.

Reflexões teológicas a partir de Marcos 15,33-39

The cry of Jesus on the cross and the silence of God Theological reflections from Mark 15,33-39

Resumo

A reflexão sobre o significado e as ressonâncias teológicas do grito de Jesus na cruz – “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Mc 15,34-39) – é um desafio sempre atual para a fé e a teologia cristã em função das muitas manifestações do mal, do sofrimento, da injustiça e da violência no mundo. A presente edição reúne três entrevistas inéditas realizadas pelo Instituto Humanitas Unisinos – IHU. A partir de diferentes contextos socioculturais, a teóloga Francine Bigaouette (Curso de Teologia do Seminário da Diocese de Chosica/Peru) e os teólogos Alexander Nava (Universidade do Arizona/EUA) e Carlos Dreher (Escola Superior de Teologia, São Leopoldo/Brasil) refletem teologicamente sobre o significado do grito de Jesus na cruz em perspectivas distintas, porém complementares, na apresentação de uma resposta da teologia cristã à realidade do mal e do sofrimento.

Palavras-chave: Mal, Sofrimento, Paixão de Jesus, Cruz, silêncio de Deus.

Abstract

A reflection on the meaning and the theological resonances of the cry of Jesus on the cross – “My God, my God, why have you forsaken me?” (Mark 15, 34-39) – is an ever present challenge to Faith and Christian Theology in relation the many manifestations of evil, suffering, injustice and violence in the world. This edition brings together three previously published interviews conducted by Instituto Humanitas Unisinos – IHU. From different sociocultural contexts, theologians Francine Bigaouette (Course of Theology of the Diocese of Chosica/Peru), Alexander Nava (University of Arizona/USA) and Carlos Dreher (School of Theology, São Leopoldo/Brazil) reflect theologically on the meaning of the cry of Jesus on the cross in distinct but complementary perspectives, submitting a response to the reality of the Christian Theology of evil and suffering.

Keywords: Evil, Suffering, Passion of Jesus, Cross, God’s silence.

O grito de Jesus na cruz e o silêncio de Deus.

Reflexões teológicas a partir de Marcos 15,33-39

Francine Bigaouette

Alexander Nava

Carlos Arthur Dreher

Cadernos Teologia Pública é uma publicação impressa e digital quinzenal do **Instituto Humanitas Unisinos – IHU**, que busca ser uma contribuição para a relevância pública da teologia na universidade e na sociedade. A teologia pública pretende articular a reflexão teológica e a participação ativa nos debates que se desdobram na esfera pública da sociedade nas ciências, culturas e religiões, de modo interdisciplinar e transdisciplinar. Os desafios da vida social, política, econômica e cultural da sociedade, hoje, constituem o horizonte da teologia pública.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor: *Marcelo Fernandes de Aquino, SJ*

Vice-reitor: *José Ivo Follmann, SJ*

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor: *Inácio Neutzling, SJ*

Gerente administrativo: *Jacinto Schneider*

www.ihu.unisinos.br

Cadernos Teologia Pública

Ano XI – Vol. 11 – Nº 89 – 2014

ISSN 1807-0590 (impresso)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling

Conselho editorial: MS Ana Maria Casarotti; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; Dr. Renato Ferreira Machado; Dra. Susana Rocca.

Conselho científico: Profa. Dra. Ana Maria Formoso, Unilasalle, doutora em Educação; Prof. Dr. Christoph Theobald, Faculdade Jesuíta de Paris-Centre Sèvres, doutor em Teologia; Profa. Dra. Edla Eggert, Unisinos, doutora em Teologia; Prof. Dr. Faustino Teixeira, UFJF-MG, doutor em Teologia; Prof. Dr. Felix Wilfred, Universidade de Madras, Índia, doutor em Teologia; Prof. Dr. Jose Maria Vigil, Associação Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo, Panamá, doutor em Educação; Prof. Dr. José Roque Junges, SJ, Unisinos, doutor em Teologia; Prof. Dr. Luiz Carlos Susin, PUCRS, doutor em Teologia; Profa. MS Maria Helena Morra, PUC Minas, mestre em Teologia; Profa. Dra. Maria Inês de Castro Millen, CES/ITASA-MG, doutora em Teologia; Prof. Dr. Peter Phan, Universidade Georgetown, Estados Unidos da América, doutor em Teologia; Prof. Dr. Rudolf Eduard von Sinner, ESTRS, doutor em Teologia.

Responsáveis técnicos: Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; MS Caio Fernando Flores Coelho.

Revisão: Carla Bigliardi

Editoração eletrônica: Rafael Tarcísio Forneck

Impressão: Impressos Portão

Cadernos teologia pública / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos, – Ano 1, n. 1 (2004)- . – São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2004- . v.

Irregular, 2004-2013; Quinzenal (durante o ano letivo), 2014.

Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-teologia>> .

Descrição baseada em: Ano 11, n. 84 (2014); última edição consultada: Ano 11, n. 83 (2014).

ISSN 1807-0590

1. Teologia 2.Religião. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

CDU 2

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

Solicita-se permuta/Exchange desired.

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Toda a correspondência deve ser dirigida à Comissão Editorial dos Cadernos Teologia Pública: Programa de Publicações, Instituto Humanitas Unisinos – IHU Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos Av. Unisinos, 950, 93022-000, São Leopoldo RS Brasil Tel.: 51.3590 8213 – Fax: 51.3590 8467 Email: humanitas@unisinos.br

Sumário

Apresentação	4
O grito de Jesus na cruz e seus ecos na contemporaneidade	8
<i>Entrevista especial com Francine Bigaouette</i>	
O grito de Jesus na cruz e a longa tradição de lamentos contra Deus	19
<i>Entrevista especial com Alexander Nava</i>	
O Deus que sofre e se revela na fraqueza não silencia	25
<i>Entrevista especial com Carlos Dreher</i>	

Apresentação

A narrativa da paixão de Jesus no Evangelho de Marcos, ao evidenciar o grito de Jesus na cruz “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Mc 15, 37), situa-se no âmago da resposta do cristianismo primitivo ao problema do mal. É referência fundamental para resposta que a fé cristã é desafiada a dar sempre ao clamor do ser humano diante da injustiça, do mal e do sofrimento, especialmente do sofrimento de um inocente, ainda hoje.

A problemática do mal, que de novo se articula em dramas existenciais de dor, sofrimento, injustiça e violência que atormentam mulheres e homens ao longo da história humana, adquire um significado inédito e paradoxal no contexto da tradição de fé judaico-cristã em Deus criador e justo, presente e atuante em sua criação, mediante um cuidado amoroso e solícito com todas as suas criaturas. Nesta perspectiva, as narrativas da paixão de Jesus Cristo no Novo Testamento, traduzem o

envolvimento das comunidades cristãs primitivas com a grande questão da *teodiceia*¹.

Os evangelhos sinóticos são unânimes em afirmar a angústia e o temor de Jesus frente à morte iminente (Cf. Mt 26, 38s; Mc 14, 33-35; Lc 22, 14). Na carta aos Hebreus² 5,7 lemos que Jesus “dirigiu pedidos e súplicas, com clamores e lágrimas, àquele que podia livrá-lo da morte”. Marcos 15, 34-37 afirma que Jesus morreu gritando com voz potente, lamentando o abandono por parte de Deus e “lançando um grito forte, Jesus expirou.” Diversos biblistas e teólogos concordam que esta é

1 O termo *teodiceia*, derivado dos termos *theos* – Deus e *dike* – justiça, é um termo introduzido por Gottfried Wilhelm Leibniz (1646–1716) em seu livro *Ensaio sobre a bondade de Deus, a liberdade do homem e a Origem do Mal* (1710). É a parte da teologia que aborda a questão da existência de Deus, como um ser absoluto onipotente, onisciente e perfeitamente bom e amoroso, em relação à existência do mal no mundo.

2 As citações bíblicas nesta edição foram retiradas de: BÍBLIA. Tradução Ecumênica. São Paulo: Loyola, 1994.

a apresentação mais próxima da realidade do que Jesus viveu na cruz, a mais acertada: Jesus viveu a experiência do “abandono” por Deus como o tormento mais íntimo de sua paixão e morte³.

O grito e lamento de Jesus em meio ao sofrimento na cruz e diante de uma morte injusta abarca uma longa história de experiência de abandono por Deus em meio ao sofrimento das narrativas do Antigo Testamento, porém tem algo de específico. A especificidade do grito de Jesus na cruz emerge da íntima relação entre sua experiência de abandono por parte de Deus e a sua incomparável comunhão com Ele.

A experiência de abandono por parte de Deus expressa no grito de Jesus na cruz adquire seu significado e densidade a partir de sua relação especial com Deus. Distanciando-se da tradição de Israel, que pregava a proximidade de Deus mediante a aliança, Jesus anunciou a proximidade de Deus e de seu reino como graça salvífica para os pecadores, os rejeitados e marginalizados. Ele viveu a experiência do Abba, chamando a Deus de “meu Pai”, manifestando uma grande proximidade, comunhão e relação amorosa com Deus, íntima, imediata,

3 Cf., por exemplo, Jürgen MOLTMANN, *El Dios crucificado. La cruz de Criso como base y crítica de toda teología cristiana*. Salamanca, Sígueme, 1975, pp. 213-215.

sem mediação da aliança, da tradição ou do povo. Alguém que vivia uma tal proximidade e intimidade com seu Deus só poderia experimentar sua cruz como abandono precisamente do Deus ao qual ele havia se atrevido chamar “meu Pai”.

Nesta perspectiva, o Salmo 22,2, posto na boca de Jesus pela comunidade pós-pascal, integra algumas peculiaridades e diferenças com relação à oração do salmista. Para o salmista a expressão “meu Deus” refere-se ao Deus da aliança e o “eu” refere-se ao justo fiel à aliança. No caso de Jesus a expressão “meu Deus” refere-se ao “seu” Deus e Pai. Não se trata de outro Deus, mas de outra relação com Ele, uma relação de filiação, em que o “eu” é o Filho. Enquanto o salmista reclama a fidelidade de Deus à aliança, pedindo a revelação de sua justiça, Jesus, o filho, reclama a fidelidade de seu Pai para consigo e para com Ele mesmo, o Pai⁴.

Portanto, no grito de Jesus entra em questão sua existência pessoal e também sua existência teológica, com a totalidade de sua pregação. Entra em questão o Deus que ele anunciou, seu Deus e Pai, um Deus amorosamente voltado para a humanidade, especialmente para quem sofre. Abre-se, um conflito entre a confiança absoluta de Jesus em seu Deus e Pai, em cujo anúncio

4 Cf. MOLTMANN, *El Dios crucificado*, pp. 213-215.

ele apostou sua vida inteira e até sua entrega à morte, e o silêncio de Deus diante de sua crucifixão⁵.

As narrativas da paixão e morte de Jesus nos Evangelhos são relatos da comunidade pós-pascal à luz da ressurreição de Jesus. Somente à luz da ressurreição de Jesus por Deus é possível desvendar no grito de Jesus a expressão de uma fé radical e a revelação do rosto cristão de Deus, bem como a eloquência de Seu silêncio diante da cruz de Jesus. Somente à luz da fé pascal é possível o reconhecimento de fé de que a paixão e morte de Jesus, em vez de sinal de vitória do mal e da injustiça, é a mais plena realização da definição joanina de que “Deus é AMOR”. Deus realizou plenamente seu amor incondicional carregando as dores do mundo, também a dor da oposição humana, sem desfazê-la com ira e sem evitar a cruz. A cruz se faz condição deste mesmo amor. O amor de Deus pode ser rejeitado e crucificado, mas justamente assim culmina no amor aos inimigos como amor em plenitude.

Nas entrevistas a seguir encontramos três reflexões teológicas sobre o significado do grito de Jesus na cruz, distintas, porém complementares em sua formulação.

5 Cf. Edward Schillebeeckx, Gesù. La storia di um vivente. Brescia, Queriniana, 1980, p. 329.

A teóloga canadense Francine Bigaouette, apoiando-se em sua tese de doutorado intitulada *Le cri de dérélition de Jésus en croix. Densité existentielle et salvifique* (Editions du Cerf, 2004), propõe uma reflexão sobre o grito de Jesus na cruz: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?”, busca o acesso à compreensão do grito de Jesus à luz de diferentes elementos do texto de Marcos sobre o sofrimento de Jesus na cruz e à luz da identidade filial de Cristo, enviado pelo Pai para instaurar seu Reino. Atendo-se a elementos fundamentais do texto, especialmente o conceito bíblico do abandono de Deus, tenta responder à pergunta: “o que significa o grito de abandono de Jesus na cruz?”. Sua reflexão ajuda a compreender que na morte de Jesus se revela a face misericordiosa de Deus e no clamor de Jesus na cruz “o silêncio de Deus diante da morte de seu Filho se faz ouvir como a palavra-ápice pela qual Ele nos revela a profundidade inaudita de seu respeito e de seu amor por nós”.

O teólogo e pastor luterano Carlos Dreher, numa entrevista perpassada pela teologia da *kénosis*, enfatiza que o grito de Jesus na Cruz antes da morte nos apresenta o verdadeiro homem, capaz de sofrer como qualquer ser humano sofre, ao mesmo tempo que revela a divindade de Deus, que se rebaixa à condição humana e se entrega à morte por nós, Deus que se revela na fra-

queza, que está próximo, “Deus encarnado, que arma uma tenda no meio de nós, que vê o sofrimento, ouve os calmos e desce até o fundo do poço por nós”, “Deus está conosco também no sofrimento, também na cruz”. Enfim, segundo ele, “Deus não ‘silencia’ diante do sofrimento humano, tampouco se ausenta”. Ele está, sempre, no meio de nós. Nessa perspectiva, a Ressurreição de Jesus por Deus anuncia que o último inimigo foi vencido: “nem mesmo a morte pode separar-nos do amor incondicional de Deus”.

O teólogo do Arizona Alexander Nava toma por horizonte de sua reflexão a questão universal da *teodiceia* e a realidade do sofrimento humano diante de diferentes manifestações do mal, da injustiça e da violência

na contemporaneidade. Aprofundando o significado do grito de Jesus na cruz, acentua que, “embora não haja nenhuma solução teórica para a teodiceia, os cristãos acreditam que Deus responde à questão por meio do processo do Deus que assume a forma humana, ao se encarnar na forma quebrada e ferida de Cristo”. Seu amor imortal pela humanidade, especialmente pelos pobres e aflitos, é demonstrado mediante um ato de solidariedade para com a humanidade. Segundo ele, a pista central para a compreensão da visão cristã de Deus em meio às nossas incertezas quanto à sua presença em nossa vida se encontra na Carta de Paulo aos Filipenses 2,7, especialmente na afirmação de Paulo de que Deus “esvaziou-se a si mesmo, assumindo a condição de servo”.

O grito de Jesus na cruz e seus ecos na contemporaneidade

Entrevista especial com Francine Bigaouette

“Esse mistério do rebaixamento de Cristo a ponto de cair no abismo do abandono por Deus nos é posto à disposição no aqui e agora da nossa existência, graças à Eucaristia, que atualiza o sacrifício pascal de Cristo”, diz a teóloga.

Especialmente na Semana Santa, momento em que, tradicionalmente, os católicos celebram a Paixão, o sofrimento, a morte e a ressurreição de Jesus Cristo, entre o Domingo de Ramos e o Domingo da Páscoa, “a escuta do grito de Jesus crucificado nos permite vivenciar a perturbadora descoberta de que, quando experimentamos de diversas maneiras o poder do mal e da morte, temos o direito de pensar que somos abandonados por Deus, de nos sentir entregues por Ele e de lhe perguntar por que, sem que isso viole a qualidade de nossa confiança e de nossa esperança Nele”, assinala Francine Bigaouette, teóloga canadense, nesta entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line.

Autora da tese de doutorado intitulada *Le cri de déréliction de Jésus en croix. Densité existentielle et salvifique* (Editions du Cerf, 2004), na qual propõe uma reflexão sobre o grito de Jesus na cruz: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?”, Francine ressalta que, diante das nossas indagações em relação ao silêncio e abandono de Deus nos momentos de sofrimento, “ao mesmo tempo, porém, descobrimos que as situações existenciais de abandono que vivenciamos não podem mais ser interpretadas como a expressão da ausência de Deus, de sua indiferença, de seu recuo, de seu castigo. Aqui, sem negar a ambiguidade trágica da existência humana em certos momentos, Jesus nos chama para uma conversão radical do nosso juízo sobre Deus e nós mesmos”.

Na interpretação da teóloga, é justamente no instante da morte de Jesus na cruz que “é desvelada a face de um Deus que luta contra a hostilidade dos

adversários do Filho, mostrando-lhes o que é feito de seu amor quando eles o rejeitam: não a vingança, mas a misericórdia. (...) Ele, Deus, vem para suscitar nesse lugar a resposta que o ser humano, entregue a si mesmo, é incapaz de lhe dar: a resposta da fé. No clamor de Jesus na cruz, o silêncio de Deus diante da morte de seu Filho se faz ouvir como a palavra-ápice pela qual Ele nos revela a profundidade inaudita de seu respeito e de seu amor por nós”.

Francine Bigaouette nasceu em 1961 na cidade de Quebec, no Canadá. Entrou para a ordem religiosa em 1985, na Congregação das Dominicanas Missionárias Adoradoras. Realizou seus estudos de teologia na Faculdade de Teologia e Ciências Religiosas da Universidade Laval, em Quebec. Sua tese de doutorado foi publicada sob o título *Le cri de dérélition de Jésus en croix. Densité existentielle et salvifique* (Editions du Cerf, 2004). É missionária no Peru há cerca de 10 anos. É professora de teologia no Seminário da diocese de Chosica e colabora para a formação de jovens religiosos e religiosas dessa diocese.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Qual é o significado do grito de Jesus na cruz diante da morte: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste”?

Francine Bigaouette – Esta questão é vasta, muito vasta. É o tema da minha tese, que foi publicada com o título *Le cri de dérélition de Jésus en croix. Densité existentielle et salvifique* (O grito de derrelição de Jesus na cruz. Densidade existencial e salvífica). No subtítulo, decidi empregar o termo “densidade”, em vez de “significado”, pois não se pode esgotar o significado desse grito.

Precisaríamos estar na consciência e no coração de Cristo morto na cruz e ressuscitado em Deus para realmente entender essa palavra-grito. À luz dos diferentes elementos do texto das Sagradas Escrituras, em que se situa essa palavra-grito, assim como à luz da identidade filial de Cristo, enviado pelo Pai para instaurar seu Reino, podemos, contudo, ouvir essa palavra-grito e tentar ter acesso à sua compreensão. Nos limites desta entrevista, vou me ater a alguns elementos que me parecem fundamentais para tentar responder à pergunta: “o que significa o grito de derrelição de Jesus na cruz?”.

Abandono de Deus

Primeiramente, é importante considerar o conceito bíblico de abandono por Deus. Quando Israel ou um fiel se diz ou é dito abandonado por Deus, trata-se concretamente, para eles, da dolorosa e angustiante experiência de uma ausência de socorro, da intervenção libertadora de Deus numa situação de sofrimento ou opressão. Esta situação é geralmente percebida como a resposta divina ao abandono primordial, inicial, de Deus pelo ser humano, pois Deus, de acordo com a promessa feita aos pais e à Aliança que estabeleceu com Israel, não abandona o seu povo ou seu fiel se estes permanecerem ligados a Ele e a sua Lei.

Este binômio “abandono de Deus pelo ser humano-abandono do ser humano por Deus”, sendo o primeiro termo a causa do segundo, é, no entanto, vigorosamente questionado por Jó. Este homem, despojado de todos os seus bens, vive a experiência de um abandono por Deus, mesmo sabendo ser justo e fiel ao seu Deus. Bem mais do que isso, ele clama seu desatino e sua revolta diante do espetáculo insuportável da prosperidade de muitos ímpios e do destino desafortunado de muitos justos. Embora Jó não obtenha resposta de Deus para suas perguntas, este lhe dá razão perante os amigos, que

defendem a tese tradicional da relação de causa e efeito entre pecado e infortúnio. No quarto Cântico do Servo em Isaías, assim como no capítulo 7 do segundo Livro dos Macabeus, defrontamo-nos com os justos que sofrem, não por causa de seus pecados, mas pelos pecados do povo. Por fim, no Livro da Sabedoria, é claramente declarado que, ao contrário do que parece, o justo que experimenta a perseguição e a morte não foi abandonado por Deus. Sua experiência é uma provação que o conduzirá a uma vida de intimidade com Deus. O fato de ser abandonado por Deus não significa, pois, necessariamente, que Deus não esteja mais presente para o ser humano, que não esteja mais com ele.

Compreensão do Salmo 22

Para entendermos o sentido do grito de derrelição de Jesus na cruz, além de considerar os diversos sentidos do conceito bíblico de abandono por Deus, precisamos também tentar responder à seguinte pergunta: no grito de Jesus “meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?”, devemos ouvir apenas o versículo 2 do Salmo 22, ou o Salmo inteiro evocado pela menção de seu primeiro versículo? Conforme optamos por uma possibilidade ou por outra, parece-me que não podemos evitar

uma interpretação diferente do abandono por Deus vivenciado por Jesus. De fato, se a citação indica que Jesus recitou todo o Salmo, seu grito significa então que ele se sentiu momentaneamente abandonado por Deus, mas que morreu com os mesmos sentimentos do justo do Salmo 22, louvando a Deus por sua salvação, numa confiança tranquila, livre de qualquer angústia. Ao contrário, se a palavra-grito posta nos lábios de Jesus consiste apenas no versículo 2 desse Salmo, então Jesus é tido como aquele que morre vivenciando a experiência do abandono divino.

Alguns pesquisadores, baseando-se em dados veterotestamentários e no uso da Mishnah, pensaram que o grito de Jesus em Mc 15,34 eram as primeiras palavras do Salmo, servindo de título para referir-se ao Salmo inteiro. Tal hipótese apresenta, contudo, como assinala a exegeta Lorraine Caza, duas dificuldades que requerem certa reserva. Por um lado, não se dispõe de bases de apoio provenientes da literatura do século primeiro da nossa era e, por outro lado, não é o início, mas o versículo 6 do Salmo 31 que o evangelho de Lucas põe nos lábios de Jesus em agonia.

Observou-se também que, para os antigos leitores judeus ou cristãos, um texto citado evocava o texto inteiro. E como o último terço do Salmo expressa a confiança final do desventurado, pode-se então pensar

que Jesus tenha dado a entender que, depois do desamparo, viria a salvação. Porém, de acordo com o exegeta Xavier Léon-Dufour, isso não prova que a citação desse Salmo em Mc 15,34 implique, enquanto tal, o teor de toda a oração. De fato, diferentemente de outra passagem em seu Evangelho (Mc 14, 27), Marcos não diz que Jesus cita o Salmo. Além disso, a expressão em aramaico “Élôï, Élôï, lema sabachthani” não favorece uma citação literal do texto sagrado escrito em hebraico.

Soma-se a esses argumentos outro que me parece determinante: aquele proposto por Aletti. Este ressalta que as súplicas sálmicas são geralmente construídas conforme o seguinte esquema: a descrição da situação difícil do orante ou das razões do apelo dirigido a Deus segue a esse apelo. É justamente o que acontece no Salmo 22. No relato da cruz, em Marcos (mas também em Mateus), é a situação descrita pelo narrador que precede o grito de Jesus endereçado a Deus.

O “por quê?” e a confiança em Deus

Essa retomada, na narrativa da cruz, do esquema invertido do Salmo 22 leva Aletti a interpretar o grito de Jesus em função da sequência que precede e na qual estão enumeradas as razões que conduzem Jesus a se dirigir ao seu Deus. A organização invertida dos elemen-

tos do Salmo 22 na narrativa da crucificação parece excluir o fato de que seu grito seja um simples intitulado, sugerindo a recitação inteira do Salmo que termina com o louvor. Ao contrário do orante do Salmo 22, Jesus, que não foi libertado por Deus da experiência da morte, entrega sua alma levando no coração a seguinte pergunta: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?”.

Abandonado por Deus ao poder mortífero daqueles que o condenaram, Jesus expressa também, com o seu “por quê?”, que, no cerne dessa experiência da não intervenção de Deus para libertá-lo, ele se sente no abandono de Deus, deixado por Ele, sem compreender por quê.

Isso não significa que Jesus tenha deixado de depositar toda a sua confiança e esperança em Deus.

Como o orante do Salmo 22, Jesus se dirige a Deus como o único capaz de responder ao seu tormento, apesar do aparente abandono. Em seu coração, ele continua esperando, contra qualquer esperança: Deus permanecerá seu Deus, até mesmo na morte!

Diferentemente do justo do Salmo 22, Jesus não suplica ao Pai que interceda em seu favor. Ele já o fizera no Jardim de Getsêmani: “Abba! (Pai)! Tudo é possível para ti: afasta de mim este cálice”. Mas numa total adesão à vontade do Pai: “Contudo, não seja o que eu quero, e sim o que tu queres” (Mc 14, 36). O cálice não foi afastado e Jesus consentiu em beber, entregando-se ao

misterioso desígnio de Deus. Na cruz, então, como poderia ele suplicar a Deus que o libertasse, que encerrasse o silêncio? Sua súplica não é mais um pedido urgente para que tal destino lhe fosse poupado. É, de certa maneira, o ato pelo qual ele expressa a tensão de todo o seu ser na direção Daquela que é o Amor de sua vida, Deus desejado à noite.

Essa tensão de todo o ser de Jesus em direção a Deus adquire um caráter único. Por certo, como seus irmãos e irmãs israelitas, Jesus está visceralmente ligado ao Deus da Aliança. Mas, para ele, essa comunhão com o Deus vivo é de ordem única: ele é o Filho amado (cf. Mc 1,11; 9,7), que pode dizer em seu coração: “Abba! Pai!” (cf. Mc 14, 36); é aquele cujo ser e cuja vida identificam-se com o anúncio do Reino de Deus por vir. Nessa perspectiva, ao mesmo tempo em que é solidário com todos os pobres e perseguidos que enviaram a Deus suas súplicas confiantes, o sofrimento vivido por Jesus crucificado em sua relação com Deus se revela muito peculiar: é o sofrimento do Filho.

IHU On-Line – Como Deus se revela no grito de abandono do Filho? Como, a partir do clamor de Jesus na Cruz, podemos ouvir o Deus que está em silêncio e, ainda, qual o significado do silêncio de Deus diante da morte do Filho?

Francine Bigaouette – Na cruz, Jesus foi submetido a uma experiência de obscurecimento da face do Pai, pois o Pai, segundo seu misterioso desígnio, deixou o pecado dos humanos se abater com todo o peso sobre seu Filho, mergulhando-o assim no sofrimento de uma aparente separação definitiva do Pai. No entanto, Jesus não sucumbiu à tentação de pensar que Deus é como parece ser nessa experiência: um Deus que o rejeita, o amaldiçoa, o priva de sua presença e de seu amor; um Deus ausente diante de seu drama. Muito longe de cair nessa tentação, Jesus superou a provação, consentindo em manter, sob o olhar do Pai, a atitude própria do Filho que reconhece e confessa, como demonstra seu grito, que essa situação não lhe confere o direito de se fiar unicamente em suas visões humanas para dizer o que cabe a ele e ao Reino. A soberania do amor pelo Pai pode parecer ter se tornado uma pura quimera sob o efeito obscuro de sua rejeição pelos humanos, mas isso não significa que o seja efetivamente. O amor pelo Pai, que o faz subsistir como Filho o torna impermeável a qualquer declínio de sua confiança e de sua esperança na onipotência desse amor.

Revelação de sua identidade filial, a morte de Jesus no abandono por Deus parece também constituir uma teofania. Em sua narrativa, Marcos associa estreitamente o acontecimento da morte de Jesus com o rasgo da cortina do santuário: “Então Jesus lançou um forte

grito e expirou. Nesse momento, a cortina do santuário se rasgou de alto a baixo, em duas partes” (15, 37-38). O mesmo Deus cuja face não podemos ver sem morreremos rasgou a cortina e mostrou sua face no ato-ápice em que Jesus, entregando-se ao Pai até a morte, manifestava o que significa para ele ser o Filho. O abandono [entrega] de Jesus a Deus, na própria experiência de seu abandono por Deus, revela-se, então, enquanto última atualização de sua identidade filial, como a manifestação suprema de Deus Pai que dá seu Filho à morte, e à morte na cruz. É então desvelada a face de um Deus que luta contra a hostilidade dos adversários do Filho, mostrando-lhes o que é feito de seu amor quando eles o rejeitam: não a vingança, mas a misericórdia. Em Jesus na cruz como amaldiçoado de Deus, em Jesus em sofrimento por sentir-se definitivamente separado do Pai, Deus vem justo ao lugar em que se encontra aquele que não está ou deixou de estar em relação com Ele e que, por essa razão, deveria ser, segundo a Lei, abandonado e rejeitado por Ele. Deus vem para suscitar nesse lugar a resposta que o ser humano, entregue a si mesmo, é incapaz de lhe dar: a resposta da fé. No clamor de Jesus na cruz, o silêncio de Deus diante da morte de seu Filho se faz ouvir como a palavra-ápice pela qual Ele nos revela a profundidade inaudita de seu respeito e de seu amor por nós.

IHU On-Line – O que significa o conceito de entrega no cristianismo, no sentido do Pai que entrega o Filho por nós?

Francine Bigaouette – Não poupando o Filho do destino que seus inimigos pretendiam lhe infligir, Deus foi ao extremo de suas exigências do dom de seu Amado. Quis assim nos conceder a vida nova de seu Reino, engajando-se plenamente na realidade histórica da nossa condição humana, e isso implicava que Ele assumisse, no próprio ato desse dom, a recusa daqueles aos quais Ele enviava seu Filho e as consequências cruéis dessa recusa. “Na ‘entrega’ dolorosa, escreve Bruno Forte, Deus se inclina totalmente para o homem: é o sinal ‘finito’ do despojamento ‘infinito’ de seu amor por nós”.

Considerado do ponto de vista de Jesus, esse engajamento do Pai sem arrependimento pode, no entanto, nos deixar um tanto perplexos. Sua ação em favor dos humanos não seria exercida em detrimento de seu Filho? E se assim o fosse, a entrega de Jesus por Deus não manteria certa cumplicidade com o ato de Judas, dos grandes sacerdotes e dos anciãos que rejeitaram Jesus na morte? Para responder a essa pergunta, parece-me importante assinalar, primeiramente, esse dado muito esclarecedor da narrativa evangélica: Jesus aparece aí como só podendo ser realmente entregue por Deus às mãos de seus

adversários em virtude de seu discernimento do desígnio de Deus e de seu livre consentimento em seguir o caminho do sofrimento, da rejeição e da morte (cf. Mc 8, 31-35; 9, 30-31; 10, 32-34). Ante a incredulidade e a hostilidade que ele encontra da parte daqueles que ensinam e governam o povo, Jesus compreende que não pode, preocupado em salvar sua vida, furtar-se à sua missão, seja renunciando a ela, seja adaptando-a às expectativas e às visões de seus ouvintes. Nele, a vontade salvífica do Pai encontra uma consciência e uma liberdade humanas que lhe são perfeitamente concedidas a partir do interior, pois são as do Filho, cujo Eu é Acolhida do Pai e Entrega de si a esse Pai.

Quando afirmamos que Deus foi ao extremo das exigências do dom sem arrependimento por seu Filho, não lhe poupando o destino que seus adversários queriam lhe infligir, isso não significa de modo algum que esse dom fosse realizado em detrimento de seu Amado. Para o Pai, entregar Jesus nas mãos de seus inimigos é certamente entregá-lo ao poder deles até a morte, e à morte na cruz, mas lhe comunicando, nesse mesmo ato, o amor que o faz subsistir no dom de si mesmo. Da mesma maneira, para Jesus, manter-se fiel à missão recebida do Pai não constitui uma obrigação imposta do exterior, mas uma exigência que brota de seu coração,

uma vez que sua missão é interior ao seu próprio ser, ao seu Eu de Filho que vive do próprio amor do Pai. Entregue pelo pai, Jesus só é realmente entregue ao se entregar ele mesmo sob o domínio do amor do Pai, que o faz subsistir no dom de si mesmo.

IHU On-Line – Como compreender o paradoxo do Deus que se rebaixa, se esvazia e se aniquila na condição humana, morrendo solitário na cruz?

Francine Bigaouette – A chave da compreensão desse paradoxo nos é dada por Deus mesmo, ao revelar, pelo seu rebaixamento, quem Ele é. Ele é Amor (1 Jn 4,8), Amor absoluto. O amor Nele não é um simples atributo; é sua própria essência, sua vida divina, comunhão do Pai com o Filho no Espírito. Sendo o Amor absoluto, Deus tem o poder de assumir o que é totalmente distinto Dele, tornando-se um de nós, além do poder de assumir o que lhe é radicalmente contrário: o pecado, assumindo até o fim as consequências de sua encarnação num mundo que lhe é hostil. Sua transcendência absoluta, o caráter insondável de seu mistério manifestam-se, mais além de qualquer concepção e imaginação humanas, em sua capacidade de tornar-se pequeno, pobre, de pôr-se ao nosso alcance e de manifestar-se em todo o seu esplendor no mesmo momento em que a morte parece tê-lo vencido definitivamente.

IHU On-Line – Em que medida o grito de Jesus na cruz é também o nosso diante da condição humana? Como esse grito explica a relação humana com Deus?

Francine Bigaouette – A escuta do grito de Jesus crucificado nos permite vivenciar a perturbadora descoberta de que, quando experimentamos de diversas maneiras o poder do mal e da morte, temos o direito de pensar que somos abandonados por Deus, de nos sentir entregues por Ele e de lhe perguntar *por que*, sem que isso viole a qualidade de nossa confiança e de nossa esperança N'Ele. Ao mesmo tempo, porém, descobrimos que as situações existenciais de abandono que vivenciamos não podem mais ser interpretadas como a expressão da ausência de Deus, de sua indiferença, de seu recuo, de seu castigo. Aqui, sem negar a ambiguidade trágica da existência humana em certos momentos, Jesus nos chama para uma conversão radical do nosso juízo sobre Deus e nós mesmos.

Como diz muito bem o teólogo Ghislain Lafont, “a verdade do homem está numa obediência a Deus cujo término não avistamos”⁶, mais do que num esforço de autodivinização. Ao consentir em perseverar na

6 Dieu, le temps et l'être. Paris, Éd. du Cerf, collection “Cogitatio Fidei”, 139, 1986, p. 214.

adoração filial, no momento em que sofria por se sentir definitivamente separado de Deus e não percebia mais o sentido e a saída dessa experiência, Jesus alcançou em si mesmo essa verdade do ser humano. Foi também dessa maneira que ele deixou transparecer plenamente em sua humanidade a face do Pai.

Representante vivo de Deus na terra, Jesus exerceu seu papel chegando ao extremo dessa atividade suprema de sua paixão e de sua morte, como total entrega de si mesmo, na impotência radical, à onipotente atividade do amor criador do Pai. Representante de Deus na terra, ele o foi enquanto Filho que assume até o fim, na obediência, nossa condição humana, que éramos incapazes de viver como filhos e filhas amados.

Esse juízo positivo sobre Deus realizado por Jesus na provação de sua paixão supõe uma postura interior de ordem ontológica. Esta consiste, ainda de acordo com as palavras de Ghislain Lafont, no reconhecimento de que “Deus, mesmo em seu mistério, é o fundamento e a medida de todas as coisas”. Ora, para Jesus, Deus em seu mistério não é conhecido como desconhecido, e sim como seu próprio Pai, como seu Abba, que o gera no dom de si e que, no mesmo elã desse engendramento, volta-se para aqueles e aquelas a quem deu existência, diante Dele, para lhes participar o eterno nascimento desse Filho.

Esse amor absolutamente gratuito, benevolente e recriador que o Pai tem por todo ser humano em seu Filho Jesus constitui a própria essência de sua soberania divina no mundo. Foi em virtude desse amor que o Pai não poupou seu filho, mas o entregou por todos nós (cf. Rm 8:32), inspirando-lhe a entrega por nós até a morte, e a morte na cruz.

O dom de si mesmo no amor

Todavia, mesmo que, para Jesus, conhecer Deus em seu mistério transcendente não signifique conhecê-lo como desconhecido, e sim como seu próprio Pai, a proximidade complacente desse Pai no Calvário, sem que diminuísse ou desaparecesse, é sentida por Jesus como uma aparente e dolorosa separação que o leva à experiência, até então insuspeita, da radical transcendência. Porque essa proximidade não é a de um Pai cuja preocupação com o Filho amado, e, nele, com seus filhos e filhas, os dispensaria de assumir suas responsabilidades neste mundo e a realidade integral, por mais rude que esta seja.

Trata-se antes de uma proximidade que comunica ao ser amado a capacidade do Pai de doar-se sem medida e de transformar os rigores da realidade finita e pecaminosa do mundo em tantas formas de encarnar o

amor. O amor gratuito e benevolente do Pai é certamente um amor que salva, recria, dá a vida, mas na medida em que comunica seus próprios costumes àquele que se abre para esse amor e o acolhe. Daí a experiência inenarrável a que somos chamados, cedo ou tarde: somente aquele que consente em perder-se se salva (cf. Mc 8, 34-35), pois a salvação que Deus nos oferece nada mais é que a participação naquilo que constitui a própria essência de sua vida divina: o dom de si mesmo no amor. Soberanamente preocupado com o ser humano, Deus faz um apelo a este para que siga os passos de seu Filho, que caminha para a cruz por amor.

Assim, mesmo se Jesus, na cruz, continua sendo aquele que conhece Deus como seu Pai, como seu Abba que O gera no amor, esse mistério afirma-se, nesse momento, como nunca na transcendência absoluta, que foge a qualquer representação e crucifica Jesus na experiência vivida. Submetido por nós a tal prova, Jesus deve consentir em morrer em sua experiência anterior do amor do Pai para manter sua comunhão com Ele, bem mais para vivenciar de outra maneira, desnorteante por certo, a paternidade que O gera no dom de si mesmo, um dom de si mesmo cujo caráter excessivo ele não conseguira até então dimensionar em sua própria carne. Nessa perspectiva, a privação do sentimento da presença do Pai pode ser

paradoxalmente considerada uma autêntica experiência de sua presença.

A sabedoria que foge a qualquer entendimento humano

A renúncia a que Jesus consente nada tem a ver, portanto, com a adesão a uma sabedoria divina cuja transcendência seria a do arbitrário que ignora o bem do ser humano, pois essa renúncia se dá justamente no seio de uma experiência da sabedoria de Deus como Amor que leva ao dom de si mesmo. Dizer isso, contudo, não diminui em nada o caráter absolutamente transcendente dessa sabedoria que foge a qualquer entendimento humano, uma vez que um amor dessa ordem implica, para Jesus, a experiência da perda de si mesmo na certeza não sentida de que os braços do Pai estão estendidos, abertos para acolhê-lo; bem mais que isso, eles o trazem para Ele, inspirando-lhe a entrega a Ele sem reservas.

Diante da verdadeira transcendência de Deus, aquela do seu amor, o coração humano pode então iniciar um processo de conversão de seu juízo sobre Deus e sobre si mesmo. Habitado pela imagem de um Deus do qual deve se proteger de certa maneira, eis agora o ser humano habilitado, por Jesus e nele, a invocar Deus pelo seu verdadeiro Nome: Abba, Pai! Ele é agora ca-

paz de passar de uma adoração motivada pelo desejo de obter o favor de Deus a uma adoração que é entrega amorosa de si mesmo Àquele que foi o primeiro a se mostrar totalmente a nosso favor, dando-nos seu Filho (cf. Rm 8, 31-32).

IHU On-Line – Deseja acrescentar algo?

Francine Bigaouette – Eu gostaria de terminar chamando a atenção para o fato de que esse mistério do rebaixamento de Cristo a ponto de cair no abismo do abandono por Deus nos é posto à disposição no aqui e agora da nossa existência, graças à Eucaristia, que atualiza o sacrifício pascal de Cristo. Por certo, Cristo não morre mais; por sua ressurreição, ele venceu definitivamente a morte; a morte foi deixada para trás. No entanto, sua morte — do modo como a vivenciou — permanece para sempre marcada nele, enquanto entrega radical de si mesmo a Deus por nós, enquanto ato de amor ao extremo (cf. Jn 13, 1). Em seu corpo ressuscitado, ele não traz as marcas dos pregos e da lança? Jesus está eterna-

mente fixado nesse ato que o levou a se entregar ao Pai, nas profundezas de seu abandono, e foi assim vivificado, glorificado por Ele, na potência do Espírito.

É levado por esse ato que ele não cessa de doar seu corpo e seu sangue à sua Igreja, cada vez que esta se reúne para celebrar sua memória, do modo como o recebeu das mãos de seu Mestre e Senhor, às vésperas de sua paixão. É este mesmo ato que se torna presente, pela Eucaristia, no aqui e agora de nossa existência histórica. Nesse ato, Cristo cativa todos nós, cativa e une em seu sacrifício todos os sofrimentos pelos quais chora nossa humanidade. Ele os purifica e transforma para que se tornem, no ritmo de nossas trajetórias pessoais e coletivas, um meio de nos assemelhar misteriosamente a ele em sua oblação pascal. A Eucaristia é, pois, o momento por excelência não só da oferta, mas também da intercessão por todos aqueles e aquelas que são esmagados pelo sofrimento e que, seguidamente, não conseguem perceber o sentido e o valor disso.

O grito de Jesus na cruz e a longa tradição de lamentos contra Deus

Entrevista especial com Alexander Nava

“Ouvir e conhecer Deus depende da nossa “capacidade de ver através dos olhos dos pobres e dos vulneráveis”, diz o teólogo do Arizona.

O grito de Jesus na cruz antes da morte, “*Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?*”, narrado no Evangelho de Marcos (Mc 15, 34), “captura uma longa tradição de gritos de lamento e de protesto judeus. O exemplo mais óbvio disso é o livro de Jó, em que o principal protagonista, um homem justo que luta com um terrível destino, grita de angústia e dor contra Deus. Assim como no Salmo 22 e em Marcos 15, 34, Jó se sente completamente abandonado por Deus e, ainda pior, sente que Deus é responsável pelo seu sofrimento. No fim, o desespero que Jó sente é transformado em uma alegria e esperança surpreendentes, mas isso não diminui o audacioso desafio que Jó lançou contra Deus”. A reflexão é do teólogo norte-americano Alexander Nava, na entrevista a seguir, concedida à IHU On-Line por e-mail.

Na avaliação do professor da Universidade do Arizona, o grito de Jesus na Cruz também desperta uma reflexão sobre o silêncio de Deus para com a sua criação, que “essencialmente” se relaciona com o problema do mal no mundo. Essas questões despertam uma série de perguntas sobre “Por que Deus permite que o mal ocorra? Por que Deus permanece em silêncio quando crianças perdem suas vidas para a doença, para a violência ou para a fome? Por que Deus permite que eventos como o Holocausto aconteçam?”. Diante dessas indagações, “estamos tão estupefatos e perplexos quanto Jó ou o profeta Jeremias. Não há nenhuma solução teórica para essas erupções do mal na história humana”, diz.

Entretanto, acentua, “embora não haja nenhuma solução teórica para a teodiceia, os cristãos acreditam que Deus responde à questão por meio do processo do Deus que assume a forma humana, ao se encarnar na forma quebrada e ferida de Cristo. Nesse evento, o

amor imortal de Deus pela humanidade, especialmente pelos pobres e aflitos, é demonstrado não por quaisquer conceitos filosóficos, mas sim pelo simples ato de solidariedade para com a humanidade”.

Apesar das nossas inquietações e, às vezes, dúvidas, acerca da presença de Deus no mundo e na nossa vida cotidiana, é na Carta de Paulo aos Filipenses que “nos é dada a pista central para a compreensão da visão cristã de Deus”, especialmente no trecho em que “Paulo fala que Deus ‘esvaziou-se a si mesmo, assumindo a condição de servo’”, esclarece o teólogo. E conclui: “Ao contrário das visões romanas da religião, em que o imperador romano era visto como divino, o cristianismo acredita que Deus veio na forma humilde e oprimida de um mendigo ou de um escravo. Em vez de se manifestar no poder político e no sucesso mundano, o Deus do Novo Testamento se revela na fraqueza e na impotência, no amor e no serviço aos outros”.

Alexander Nava é mestre e doutor em Teologia pela Universidade de Chicago. Lecionou na Universidade de Seattle e desde 1999 leciona na Universidade do Arizona, onde também ministra alguns cursos, entre eles, *Amor e Religiões do Mundo*, *A questão de Deus*, *Religião e Cultura no Sudoeste*. Atualmente Nava está trabalhando no projeto de um livro sobre

a experiência da maravilha na religião da América Latina e da literatura.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como o senhor interpreta o grito de Jesus na cruz antes da morte no Evangelho de Mc 15, 34: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” e que relação estabelece com o Evangelho de Mt, 26, 32, quando Jesus anuncia sua ressurreição dizendo: “Mas depois de ressuscitado, eu vos precederei na Galileia”?

Alexander Nava – Como se sabe, esse grito de angústia de Jesus na cruz é uma referência ao Salmo 22⁷, em que o salmista liberta os seus medos e problemas mais obscuros. Por exemplo, o Salmo 22, depois da frase “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?”, continua desta forma: “Estou como água derramada, e meus ossos todos se desconjugam. Meu coração está como cera, derretendo-se dentro de mim. Minha força secou como argila, e minha língua colou-se ao maxilar.

⁷ Salmo 22 é o vigésimo segundo salmo no Livro dos Salmos da Bíblia. O Evangelho de Marcos faz diversas alusões a este salmo durante a crucificação de Jesus, especialmente a partir do dito de Jesus na cruz: “Eloí, Eloí, lamá sabactâni?”, que quer dizer, “Meu Deus, meu Deus, por que me desamparaste?” (Mc 15, 34). (Nota da **IHU On-Line**)

Tu me colocas na poeira da morte” (22, 14-15). Como se pode imaginar, os escritores dos Evangelhos eram profundamente influenciados e moldados pelas Escrituras (Bíblia hebraica). Por essa razão, eles interpretaram a morte de Jesus à luz dos escritos sagrados de Israel. Esse poema do Salmo 22, por exemplo, foi lido como uma profecia da morte de Jesus (o Antigo Testamento como um todo foi interpretado de forma tipológica). Assim, quando o Evangelho de João faz referência ao sangue e à água que fluíram do lado de Jesus, trata-se de um eco desta referência no Salmo 22 à “água derramada”.

Por falar em cristianismo e nos Evangelhos, é sempre de grande importância situar a tradição cristã à luz da história de Israel e da Bíblia hebraica. Novamente, é impossível compreender a profundidade e o significado do grito de Jesus na cruz sem conhecer o Antigo Testamento. A esse respeito, o grito de Jesus na cruz captura uma longa tradição de gritos de lamento e de protesto judeus. O exemplo mais óbvio disso é o livro de Jó, em que o principal protagonista, um homem justo que luta com um terrível destino, grita de angústia e dor contra Deus. Assim como no Salmo 22 e em Marcos 15, 34, Jó se sente completamente abandonado por Deus e, ainda pior, sente que Deus é responsável pelo seu sofrimento. No fim, o desespero que Jó sente é transformado em uma alegria e esperança surpreendentes, mas isso não dimi-

nui o audacioso desafio que Jó lançou contra Deus. De fato, onde quer que haja sofrimento inocente, o caso de Jó e o grito de Jesus na cruz podem ser ouvidos em toda a sua imensa dor e em sua aflita angústia.

Há, é claro, muitos outros exemplos em toda a Bíblia hebraica em que esses gritos de lamento também são evidentes, mas essa tradição de “sofrer a Deus” é especialmente clara nos Salmos, nas Lamentações, em Jó e nos profetas. Nesse sentido, parece que uma dimensão crucial da experiência de Deus no judaísmo incluía a disposição de lutar com Deus no espírito de confusão e esperança, agonia e amor, desânimo e confiança.

IHU On-Line – Qual o significado do silêncio de Deus diante da morte do Filho?

Alexander Nava – A questão do silêncio de Deus é essencialmente a mesma questão que o problema do mal. Por que Deus permite que o mal ocorra? Por que Deus permanece em silêncio quando crianças perdem suas vidas para a doença, para a violência ou para a fome? Por que Deus permite que eventos como o Holocausto aconteçam? Estamos todos perdidos na tentativa de responder a essas questões; sobre esse assunto, estamos tão estupefatos e perplexos quanto Jó ou o profeta Jeremias. Não há nenhuma solução teórica para essas erupções do mal na história humana.

Embora não haja nenhuma solução teórica para a *teodiceia*, os cristãos acreditam que Deus responde à questão por meio do processo do Deus que assume a forma humana, ao se encarnar na forma quebrada e ferida de Cristo. Nesse evento, o amor imortal de Deus pela humanidade, especialmente pelos pobres e aflitos, é demonstrado não por quaisquer conceitos filosóficos, mas sim pelo simples ato de solidariedade para com a humanidade.

IHU On-Line – Diante da morte de Jesus, os evangelhos de Mateus (Mt, 27, 46) e Marcos (Mc, 15, 34) apontam a frase “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?”. Já em Lucas (Lc, 23, 46), o grito de Jesus antes da morte é: “Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito”. Há aí uma relação de abandono e confiança? Como interpreta a relação dessas frases nos Evangelhos Sinóticos?

Alexander Nava – É verdade que os Evangelhos registram interpretações muito diferentes da morte de Jesus. Para Marcos, a morte de Jesus parece mais agonizante e aterradora do que para qualquer outro Evangelho. De fato, se é verdade que Mateus e Lucas usaram Marcos (assim como outra fonte, conhecida pelos estudiosos como “Q”) na composição dos seus Evangelhos, então parece que eles ficaram perturbados com o relato

de Marcos da morte de Jesus. Por essa razão, para fazer com que a sua morte parecesse menos trágica, Lucas e João não incluem a frase: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?”. Em vez disso, Lucas faz Jesus dizer: “Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito”, e João faz Jesus dizer: “Tudo está realizado”. Em ambos os casos, de Lucas e João, Jesus aparece com maior divindade do que o Jesus de Marcos, em que Ele é mais humano e mais vulnerável aos terrores e às ansiedades da morte.

IHU On-Line – A morte de Jesus narrada no Evangelho de Marcos conta que, no dia da morte, houve trevas e, após a morte, o véu do santuário rasgou-se em duas partes de alto a baixo. Esses são sinais da presença de Deus na morte do Filho? Como interpreta esses sinais?

Alexander Nava – No Evangelho de Marcos, a cortina do templo se rasgou em duas porque a morte de Jesus significa, para a comunidade de Marcos, o fim dos sacrifícios do templo. A morte de Jesus é vista como o sacrifício final. O rompimento do templo também é significativo no contexto histórico do Evangelho de Marcos. A maioria dos estudiosos acredita que Marcos foi escrito em algum momento entre 66-70 d.C, durante ou logo depois da guerra entre Roma e Israel. Se isso for verda-

de, o rompimento da cortina também pode representar a destruição do templo judeu (o que, de fato, ocorreu em 70 d.C.).

IHU On-Line – Como o senhor interpreta o 2º capítulo da Carta de Paulo aos Filipenses, quando diz que Deus despojou-se tomando a condição de servo, tornando-se homem e se rebaixou tornando-se obediente até a morte, numa cruz? O que significa esse rebaixamento e esvaziamento de Deus para a condição humana, morrendo na cruz?

Alexander Nava – Quando Paulo⁸ fala que Deus “esvaziou-se a si mesmo, assumindo a condição de servo”, nos é dada a pista central para a compreensão da visão cristã de Deus. Ao contrário das visões romanas da religião, em que o imperador romano era visto como divino, o cristianismo acredita que Deus veio na forma humilde e oprimida de um mendigo ou de um escravo.

8 Sobre Paulo de Tarso, a **IHU On-Line** 175, de 10-04-2006, dedicou o tema de capa *Paulo de Tarso e a contemporaneidade, disponível em <http://bit.ly/ihuon175>; edição 32 dos **Cadernos IHU em formação**, *Paulo de Tarso desafia a Igreja de hoje a um novo sentido de realidade*, disponível em <http://bit.ly/ihuem32>; edição 55 dos **Cadernos Teologia Pública**, *São Paulo contra as mulheres? – Afirmação e declínio da mulher cristã no século I*, disponível em <http://bit.ly/ihuteo55>. E ainda **IHU On-Line** nº 286, *Paulo de Tarso: a sua relevância social*.*

Em vez de se manifestar no poder político e no sucesso mundano, o Deus do Novo Testamento se revela na fraqueza e na impotência, no amor e no serviço aos outros.

IHU On-Line – Por que nos espantamos com o grito de Jesus para o Pai? O grito de Jesus antes da morte é também o nosso diante da dúvida da existência divina e diante da incompreensão da morte?

Alexander Nava – Como eu sugeri na segunda resposta, todos podem entender o grito dilacerante de Jesus na cruz. Todos nós temos momentos de dúvida, de aflição e de desânimo quando somos confrontados com o vasto mar de sofrimento humano no nosso mundo. Não seríamos humanos se nunca questionássemos ou duvidássemos da presença de Deus em um mundo onde Deus muitas vezes parece ausente. De fato, faz parte da própria tradição bíblica derramar lágrimas em protesto contra esses fatos da vida. A Bíblia tem sido tão profundamente significativa para milhões de pessoas ao longo dos anos porque ela é uma coleção realista de textos que falam para as lutas e dúvidas da vida na terra. Como esses textos refletem as experiências judaicas da escravidão, do exílio e da migração na história, a Bíblia captura a beleza trágica da vida humana de uma forma sofisticada e similarmente histórica.

IHU On-Line – O capítulo 52 de Isaías (Isaías, 52 13,15), diz: “Eis que meu Servo terá êxito, ele será enaltecido, elevado, exaltado grandemente. Da mesma forma que as multidões ficaram horrorizadas a seu respeito (...) e seu aspecto não será mais o dos filhos de Adão (...) da mesma forma a seu respeito multidões de nações vão ficar maravilhadas”. Como interpreta esse trecho em relação à morte e ressurreição de Cristo? A morte foi necessária para que se reconhecesse a sua Grandeza?

Alexander Nava – A passagem do “servo sofredor” de Isaías foi muito influente nas visões cristãs de Cristo. É uma chave para compreender o significado da morte de Jesus. Como a passagem sugere, o servo “não parecia mais gente, tinha perdido toda a sua aparência humana...

era desprezado e rejeitado pelos homens”. É claro que os escritores do Evangelho interpretaram a vida e a morte de Jesus à luz desse retrato do servo sofredor.

Para os cristãos, Deus está escondido aos olhos dos poderosos e dos ricos; Deus se revela, ao contrário, aos pobres e humildes, aos cegos e coxos, aos estrangeiros e exilados. E, para todos aqueles dentre nós que vivem em circunstâncias mais privilegiadas, o nosso conhecimento de Deus permanecerá dependente da nossa capacidade de ver através dos olhos dos pobres e dos vulneráveis, de nos colocarmos na pele dos migrantes e dos refugiados, e ver o que eles podem nos ensinar sobre Deus e o homem. Em última análise, é na nossa solidariedade para com os servos sofredores do mundo que nós, que reivindicamos o nome de cristãos, descobriremos a sabedoria humilde do Deus da Bíblia.

O Deus que sofre e se revela na fraqueza não silencia

Entrevista especial com Carlos Dreher

As diversas passagens bíblicas revelam um Deus presente e não ausente, um Deus que se revela na sarça, no espinheiro insignificante, na brisa leve, no imperceptível, na manjedoura e até mesmo na cruz, assinala o teólogo e pastor luterano Carlos Dreher, em entrevista feita por e-mail, à IHU On-Line. “Não é à toa que Paulo afirma que essa Palavra da Cruz é ‘escândalo para os judeus e loucura para os gentios’. O mundo não consegue compreender que Deus se revele na fraqueza. Porém, Ele, insistentemente, nos mostra que é Deus de perto, e não de longe. É Deus encarnado, que arma uma tenda no meio de nós, que vê o sofrimento, ouve os calmos e desce até o fundo do poço por nós”, afirma, na entrevista a seguir, concedida por e-mail.

O grito de Jesus na Cruz antes da morte: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?”, relatado no Evangelho de Marcos (Mc 15 33, 34), “nos apresenta

o verdadeiro homem, de carne e osso, que sofre da mesma maneira que qualquer ser humano sofre”, interpreta o teólogo. E também revela a divindade de Deus, que se rebaixa à condição humana e se entrega à morte por nós. “Jesus é verdadeiro Deus. Então isso significa que Deus mesmo está ali pregado, sofrendo. Neste sentido, ele grita junto com Jesus. Não silencia, mas sofre com aquele ser humano arrebatado.”

Para Dreher, a morte de Jesus na Cruz revela que “Deus está conosco também no sofrimento, também na cruz”, porque “Deus não ‘silencia’ diante do sofrimento humano, tampouco se ausenta. Ele está, sempre, no meio de nós. (...) Ele estava nas câmaras de gás do holocausto, Ele estava em meio aos povos indígenas brutalmente assassinados pelos conquistadores, e ainda está no meio deles. Ele está em meio aos pobres do mundo inteiro.

Ele estava nos porões da tortura. Afinal, Ele mesmo foi brutalmente torturado na Cruz. Como não estaria

conosco sempre?” E acrescenta: “Os relatos de Páscoa fazem questão de mostrar Jesus ressurreto com as marcas da cruz. Tomé, inclusive, põe o dedo nas feridas. Neste sentido, a Ressurreição anuncia que o último inimigo foi vencido. Nem mesmo a morte pode separar-nos do amor incondicional de Deus”.

Carlos Arthur Dreher é graduado, mestre e doutor em Teologia pela Escola Superior de Teologia – EST. Atualmente é professor das Faculdades EST.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como os protestantes interpretam a morte de Jesus relatada nos Evangelhos Sinóticos?

Carlos Arthur Dreher – Escrevo como luterano. O Cristo Crucificado tem uma importância fundamental na teologia luterana. Foi através da morte de Jesus Cristo na cruz que nossos pecados foram perdoados. É por este sacrifício por nós que somos justificados por Deus. O justo morreu pelos pecadores. Através do seu sangue fomos redimidos.

IHU On-Line – Qual é o significado do grito de Jesus na cruz antes da morte: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” e como pode-

mos entender o silêncio de Deus a partir desse dito de Jesus antes da morte?

Carlos Arthur Dreher – É preciso lembrar que já a Igreja antiga confessava – e assim nós confessamos hoje – que Jesus Cristo é simultaneamente verdadeiro homem e verdadeiro Deus. O grito de Jesus na cruz nos apresenta o verdadeiro homem, de carne e osso, que sofre da mesma maneira que qualquer ser humano sofre. Jesus, como bom judeu, retoma o Salmo 22 e faz uso dele em sua lamentação no desespero da morte iminente. O ser humano Jesus sente-se abandonado naquele momento, como qualquer ser humano se sentiria. A cruz dói, faz sofrer horripelmente.

Por outro lado, em Jesus, Deus mesmo se entrega à morte, por nós. Jesus é verdadeiro Deus. Então isso significa que Deus mesmo está ali pregado, sofrendo. Neste sentido, ele grita junto com Jesus. Não silencia, mas sofre com aquele ser humano arrebatado.

Este é, talvez, um dos significados mais importantes da Cruz: Deus está conosco também no sofrimento, também na cruz. Para nós, cristãos, não há momento algum em que Deus não esteja conosco. Até na morte ele está conosco, como estava com o Filho.

IHU On-Line – Como o senhor interpreta o 2º capítulo da Carta de Paulo aos Filipenses, quando

diz que Jesus despojou-se tomando a condição de servo, tornando-se homem e se rebaixando, tornando-se obediente até a morte, numa cruz? O que significa esse rebaixamento e esvaziamento de Deus?

Carlos Arthur Dreher – Jesus é verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Inverto a afirmação do dogma, que já utilizei acima. Sendo Deus, Jesus abriu mão de qualquer privilégio e veio ao mundo como ser humano como qualquer um de nós. Deus se faz ser humano! Isto significa que Ele se esvazia de sua divindade. Por amor a nós, Ele vem sofrer como nós sofremos, até o fim, até a morte. E não qualquer morte, mas morte de cruz!

IHU On-Line – A morte foi necessária para falarmos da ressurreição e da esperança na vida eterna em Cristo?

Carlos Arthur Dreher – É difícil, se não impossível, separar Cruz e Ressurreição. O Ressurreto é o Crucificado. Os relatos de Páscoa fazem questão de mostrar Jesus ressurreto com as marcas da cruz. Tomé, inclusive, põe o dedo nas feridas. Neste sentido, a Ressurreição anuncia que o último inimigo foi vencido. Nem mesmo a morte pode separar-nos do amor incondicional de

Deus. Contudo, deve-se ressaltar que o Ressurreto é o mesmo Crucificado.

A Cruz, por sua vez, nos mostra que o amor de Deus por nós é tão imenso, tão absoluto, que Ele dá Seu Filho na Cruz por nós, para que seu sacrifício expie nossos pecados. Sim, Deus mesmo se entrega por nós. Com a Ressurreição, Ele proclama, com todas as letras, que não quer a morte. Quer a vida, vida em abundância, vida eterna.

IHU On-Line – Que interpretação os luteranos fazem da cruz?

Carlos Arthur Dreher – A Cruz nos apresenta *Deus sub contrario*, isto é, sob o seu contrário, sob o seu oposto. Diversas passagens na Bíblia nos revelam Deus assim. Ele se revela numa sarça, um espinheiro insignificante (Êx 3); numa brisa leve, quase imperceptível (1 Rs 19); numa manjedoura; e, por fim, numa cruz. Não é à toa que Paulo afirma que essa Palavra da Cruz é “escândalo para os judeus e loucura para os gentios”. O mundo não consegue compreender que Deus se revele na fraqueza. Porém, Ele, insistentemente, nos mostra que é Deus de perto, e não de longe. É Deus encarnado, que arma uma tenda no meio de nós, que vê o sofrimento, ouve os calmos e desce até o fundo do poço por nós.

“Nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios; mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, pregamos a Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus. Porque a loucura de Deus é mais sábia do que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens.” (1 Coríntios 1.23,25)

Deus não “silencia” diante do sofrimento humano, tampouco se ausenta. Ele está, sempre, no meio de nós. Também na dor, também no sofrimento, também na cruz. Ele estava nas câmaras de gás do holocausto,

Ele estava em meio aos povos indígenas brutalmente assassinados pelos conquistadores, e ainda está no meio deles. Ele está em meio aos pobres do mundo inteiro. Ele estava nos porões da tortura. Afinal, Ele mesmo foi brutalmente torturado na Cruz. Como não estaria conosco sempre?

Quem crê assim em Deus não silencia diante dos desmandos do mundo, não silencia diante da morte, mas proclama sempre a vitória de Deus sobre escravidão, sofrimento, injustiça e morte.

O Senhor Crucificado ressuscitou! Aleluia!

Cadernos Teologia Pública: temas publicados

- N. 1 – *Hermenêutica da tradição cristã no limiar do século XXI* – Johan Konings, SJ
- N. 2 – *Teologia e Espiritualidade. Uma leitura Teológico-Espiritual a partir da Realidade do Movimento Ecológico e Feminista* – Maria Clara Bingemer
- N. 3 – *A Teologia e a Origem da Universidade* – Martin N. Dreher
- N. 4 – *No Quarentenário da Lumen Gentium* – Frei Boaventura Kloppenburg, OFM
- N. 5 – *Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner* – Érico João Hammes
- N. 6 – *Teologia e Diálogo Inter-Religioso* – Cleusa Maria Andreatta
- N. 7 – *Transformações recentes e prospectivas de futuro para a ética teológica* – José Roque Junges, SJ
- N. 8 – *Teologia e literatura: profetismo secular em “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos* – Carlos Ribeiro Caldas Filho
- N. 9 – *Diálogo inter-religioso: Dos “cristãos anônimos” às teologias das religiões* – Rudolf Eduard von Sinner
- N. 10 – *O Deus de todos os nomes e o diálogo inter-religioso* – Michael Amaladoss, SJ
- N. 11 – *A teologia em situação de pós-modernidade* – Geraldo Luiz De Mori, SJ
- N. 12 – *Teologia e Comunicação: reflexões sobre o tema* – Pedro Gilberto Gomes, SJ
- N. 13 – *Teologia e Ciências Sociais* – Orivaldo Pimentel Lopes Júnior
- N. 14 – *Teologia e Bioética* – Santiago Roldán García
- N. 15 – *Fundamentação Teológica dos Direitos Humanos* – David Eduardo Lara Corredor
- N. 16 – *Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento* – João Batista Libânio, SJ
- N. 17 – *Por uma Nova Razão Teológica. A Teologia na Pós-Modernidade* – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 18 – *Do ter missões ao ser missionário – Contexto e texto do Decreto Ad Gentes revisitado 40 anos depois do Vaticano II* – Paulo Suess
- N. 19 – *A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg* – 1ª parte – Manfred Zeuch
- N. 20 – *A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg* – 2ª parte – Manfred Zeuch
- N. 21 – *Bento XVI e Hans Küng. Contexto e perspectivas do encontro em Castel Gandolfo* – Karl-Josef Kuschel

- N. 22 – *Terra habitável: um desafio para a teologia e a espiritualidade cristãs* – Jacques Arnould
- N. 23 – *Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida. A teologia ecológica de Jürgen Moltmann* – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 24 – *O estudo teológico da religião: Uma aproximação hermenêutica* – Walter Ferreira Salles
- N. 25 – *A historicidade da revelação e a sacramentalidade do mundo – o legado do Vaticano II* – Frei Sinivaldo S. Tavares, OFM
- N. 26 – *Um olhar Teopoético: Teologia e cinema em O Sacrifício, de Andrei Tarkovski* – Joe Marçal Gonçalves dos Santos
- N. 27 – *Música e Teologia em Johann Sebastian Bach* – Christoph Theobald
- N. 28 – *Fundamentação atual dos direitos humanos entre judeus, cristãos e muçulmanos: análises comparativas entre as religiões e problemas* – Karl-Josef Kuschel
- N. 29 – *Na fragilidade de Deus a esperança das vítimas. Um estudo da cristologia de Jon Sobrino* – Ana María Formoso
- N. 30 – *Espiritualidade e respeito à diversidade* – Juan José Tamayo-Acosta
- N. 31 – *A moral após o individualismo: a anarquia dos valores* – Paul Valadier
- N. 32 – *Ética, alteridade e transcendência* – Nilo Ribeiro Junior
- N. 33 – *Religiões mundiais e Ethos Mundial* – Hans Küng
- N. 34 – *O Deus vivo nas vozes das mulheres* – Elisabeth A. Johnson
- N. 35 – *Posição pós-metafísica & inteligência da fé: apontamentos para uma outra estética teológica* – Vitor Hugo Mendes
- N. 36 – *Conferência Episcopal de Medellín: 40 anos depois* – Joseph Comblin
- N. 37 – *Nas pegadas de Medellín: as opções de Puebla* – João Batista Libânio
- N. 38 – *O cristianismo mundial e a missão cristã são compatíveis?: insights ou percepções das Igrejas asiáticas* – Peter C. Phan
- N. 39 – *Caminhar descalço sobre pedras: uma releitura da Conferência de Santo Domingo* – Paulo Suess
- N. 40 – *Conferência de Aparecida: caminhos e perspectivas da Igreja Latino-Americana e Caribenha* – Benedito Ferraro
- N. 41 – *Espiritualidade cristã na pós-modernidade* – Ildo Perondi
- N. 42 – *Contribuições da Espiritualidade Franciscana no cuidado com a vida humana e o planeta* – Ildo Perondi
- N. 43 – *A Cristologia das Conferências do Celam* – Vanildo Luiz Zugno
- N. 44 – *A origem da vida* – Hans Küng
- N. 45 – *Narrar a Ressurreição na pós-modernidade. Um estudo do pensamento de Andrés Torres Queiruga* – Maria Cristina Giani
- N. 46 – *Ciência e Espiritualidade* – Jean-Michel Maldamé
- N. 47 – *Marcos e perspectivas de uma Catequese Latino-americana* – Antônio Cechin
- N. 48 – *Ética global para o século XXI: o olhar de Hans Küng e Leonardo Boff* – Águeda Bichels

- N. 49 – *Os relatos do Natal no Alcorão (Sura 19,1-38; 3,35-49): Possibilidades e limites de um diálogo entre cristãos e muçulmanos* – Karl-Josef Kuschel
- N. 50 – *“Ite, missa est!”: A Eucaristia como compromisso para a missão* – Cesare Giraudo, SJ
- N. 51 – *O Deus vivo em perspectiva cósmica* – Elizabeth A. Johnson
- N. 52 – *Eucaristia e Ecologia* – Denis Edwards
- N. 53 – *Escatologia, militância e universalidade: Leituras políticas de São Paulo hoje* – José A. Zamora
- N. 54 – *Mater et Magistra – 50 Anos* – Entrevista com o Prof. Dr. José Oscar Beozzo
- N. 55 – *São Paulo contra as mulheres? Afirmação e declínio da mulher cristã no século I* – Daniel Marguerat
- N. 56 – *Igreja Introversa: Dossiê sobre o Motu Proprio “Summorum Pontificum”* – Andrea Grillo
- N. 57 – *Perdendo e encontrando a Criação na tradição cristã* – Elizabeth A. Johnson
- N. 58 – *As narrativas de Deus numa sociedade pós-metafísica: O cristianismo como estilo* – Christoph Theobald
- N. 59 – *Deus e a criação em uma era científica* – William R. Stoeger
- N. 60 – *Razão e fé em tempos de pós-modernidade* – Franklin Leopoldo e Silva
- N. 61 – *Narrar Deus: Meu caminho como teólogo com a literatura* – Karl-Josef Kuschel
- N. 62 – *Wittgenstein e a religião: A crença religiosa e o milagre entre fé e superstição* – Luigi Perissinotto
- N. 63 – *A crise na narração cristã de Deus e o encontro de religiões em um mundo pós-metafísico* – Felix Wilfred
- N. 64 – *Narrar Deus a partir da cosmologia contemporânea* – François Euvé
- N. 65 – *O Livro de Deus na obra de Dante: Uma releitura na Baixa Modernidade* – Marco Lucchesi
- N. 66 – *Discurso feminista sobre o divino em um mundo pós-moderno* – Mary E. Hunt
- N. 67 – *Silêncio do deserto, silêncio de Deus* – Alexander Nava
- N. 68 – *Narrar Deus nos dias de hoje: possibilidades e limites* – Jean-Louis Schlegel
- N. 69 – *(Im)possibilidades de narrar Deus hoje: uma reflexão a partir da teologia atual* – Degislando Nóbrega de Lima
- N. 70 – *Deus digital, religiosidade online, fiel conectado: Estudos sobre religião e internet* – Moisés Sbardelotto
- N. 71 – *Rumo a uma nova configuração eclesial* – Mario de França Miranda
- N. 72 – *Crise da racionalidade, crise da religião* – Paul Valadier
- N. 73 – *O Mistério da Igreja na era das mídias digitais* – Antonio Spadaro
- N. 74 – *O seguimento de Cristo numa era científica* – Roger Haigh
- N. 75 – *O pluralismo religioso e a igreja como mistério: A eclesiologia na perspectiva inter-religiosa* – Peter C. Phan

- N. 76 – *50 anos depois do Concílio Vaticano II: indicações para a semântica religiosa do futuro* – José Maria Vigil
- N. 77 – *As grandes intuições de futuro do Concílio Vaticano II: a favor de uma “gramática gerativa” das relações entre Evangelho, sociedade e Igreja* – Christoph Theobald
- N. 78 – *As implicações da evolução científica para a semântica da fé cristã* – George V. Coyne
- N. 79 – *Papa Francisco no Brasil – alguns olhares*
- N. 80 – *A fraternidade nas narrativas do Gênesis: Dificuldades e possibilidades* – André Wénin
- N. 81 – *Há 50 anos houve um concílio...: significado do Vaticano II* – Victor Codina
- N. 82 – *O lugar da mulher nos escritos de Paulo* – Eduardo de la Serna
- N. 83 – *A Providência dos Profetas: uma Leitura da Doutrina da Ação Divina na Bíblia Hebraica a partir de Abraham Joshua Heschel* – Élcio Verçosa Filho
- N. 84 – *O desencantamento da experiência religiosa contemporânea em House: “creia no que quiser, mas não seja idiota”* – Renato Ferreira Machado
- N. 85 – *Interpretações polissêmicas: um balanço sobre a Teologia da Libertação na produção acadêmica* – Alexandra Lima da Silva & Rhaissa Marques Botelho Lobo
- N. 86 – *Diálogo inter-religioso: 50 anos após o Vaticano II* – Peter C. Phan
- N. 87 – *O feminino no Gênesis: A partir de Gn 2,18-25* – André Wénin
- N. 88 – *Política e perversão: Paulo segundo Žižek* – Adam Kotsko



Francine Bigaouette nasceu em 1961 na cidade de Quebec, no Canadá. Entrou para a ordem religiosa em 1985, na Congregação das Dominicanas Missionárias Adoradoras. Realizou seus estudos de teologia na Faculdade de Teologia e Ciências Religiosas da Universidade Laval, em Quebec. Sua tese de doutorado foi publicada sob o título *Le cri de déréliction de Jésus en croix. Densité existentielle et salvifique* (Editions du Cerf, 2004). É missionária no Peru há cerca de 10 anos. É professora de teologia no Seminário da diocese de Chosica e colabora para a formação de jovens religiosos e religiosas dessa diocese.



Alexander Nava é mestre e doutor em Teologia pela Universidade de Chicago. Lecionou na Universidade de Seattle e desde 1999 leciona na Universidade do Arizona, onde também ministra alguns cursos, entre eles, Amor e Religiões do Mundo, A questão de Deus, Religião e Cultura no Sudoeste. Atualmente Nava está trabalhando no projeto de um livro sobre a experiência da maravilha na religião da América Latina e da literatura. É autor do artigo *Silêncio do deserto, silêncio de Deus*, publicado por Cadernos Teologia Pública, n.º. 67. Ver no link: ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-teologia.



Carlos Arthur Dreher é graduado, mestre e doutor em Teologia pela Escola Superior de Teologia – EST. Atualmente é professor das Faculdades EST. Atualmente é professor de Antigo Testamento no Programa de Pós-Graduação em Teologia na Faculdades EST e professor de teologia do Centro Universitário La Salle, em Canoas, RS, e na Faculdades EST, em São Leopoldo, RS. Tem experiência na área de Teologia, com ênfase em História de Israel, atuando principalmente nos seguintes temas: Antigo Testamento, Bíblia, História de Israel, Interpretação de textos bíblicos e Leitura popular da Bíblia.